

# Conceição, eu morro!

Lula Branco Martins

jornalista, colunista do JB, professor de comunicação social

Conversas são filmes? Bate-papo filme é? Entrevistas são filmes? Claro que não, claro que sim. Se forem chatas, óbvias, autoritárias, estão longe de ser cinema. Aliás, neste caso, não são quase nada, são mesmo coisa nenhuma. Mas se elas forem um exercício de liberdade, uma plena entrega de um ao outro (em via de mão dupla), um jogo tão gostoso de ser jogado, aí são até mais que um filme: aí são a vida acontecendo, a vida pul-sando. E se vida de verdade é negócio bom de se ver ao vivo, é bom também de se ver na tela grande. Desde que fui apresentado, há quase dois anos, ainda numa humilde fita de vídeo, sem som ambiente e sem montagem definitiva, às primeiras cenas e aos primeiros diálogos de Morro da Conceição..., de Cristiana Grumbach, pude perceber que a grande força do filme estava no modo como aquelas entrevistas foram conduzidas.

Dou aulas de Comunicação Social, mais especificamente de Jornalismo, na uni-versidade UniCarioca e em cursos livres na Fundação Mudes. Meus alunos me perguntam sobre técnicas de redação, técnicas de reportagem, técnicas de entrevista. O filme da Cristiana vem, nos últimos três semestres, me ajudando neste debate. Com a permissão da diretora, tenho exibido o copião de Morro da Conceição... em sessões fechadas, para as turmas. Sempre tem polêmica. Aquilo é um documentário ao pé da letra? Ou poderia ser chamado de reportagem? Ou é, acima de tudo, um filme poético, lírico? Sobre o que ex-atamente ele fala: memória, velhice, abandono? E que ensinamento é este, que a diretora passa sem nem perceber, quando não interrompe a viagem interior daquela senhorinha que, ao que parece, saiu totalmente do ar durante o bate-papo? O que nos ensinam, a nós jornalistas, aqueles 61 segundos de silêncio?

Não devo ficar entregando cenas aqui. Não é o caso. Vá ver o filme, que é melhor. Mas preste atenção na habilidade da diretora ao entrevistar, por exemplo, o Seu Chapéu, velhinho figuraça, o único de todos os personagens que se negou a dar entrevista dentro de casa. O papo teve de ser no meio da rua, mas nem por isso foi menos íntimo. O ci-dadão abre sua carteira, mostra fotos antigas, e acaba abrindo o seu coração também. De modo semelhante, Cristiana ajuda Dona Mida a lembrar suas canções portuguesas favori-tas. Não é coisa rápida. É um esforço de memória que vai durar pelo menos boa parte do filme. Mas vale a pena: o desfecho é de arrepiar.

Morro de rir sempre que revejo Seu João contando as “inocentes” histórias de seus tiroteios na Lapa dos anos 40. Morro de pena de alguns velhinhos e velhinhas que perderam pais, seus maridos, suas mulheres e, no avesso de como teria de ser a vida, seus próprios filhos - e então me emociono junto com eles. Morro de saudades de alguém que nem conheci, o vô Raul, avô da diretora, a quem a produção é dedicada, in memori-am, como revelam os créditos. Enfim, morro de amores pelo filme. E morro de vontade de vê-lo seguir longa carreira. Conceição... eu morro, Conceição!